

Cirandas Infantís

(CONTINUAÇÃO)

Martinz de Aguiar

A MORENA

Onde vais, morena,
onde vais assim?
—Vou colher as flôres
lá no meu jardim.

—Já colhi as flôres,
já mandei vender.
A mais bonitinha
vou te-oferecer.

—Meu jardim tem tantas flôres!
Não sei qual escolherei...
Aquela que for mais bela,
com essa me abraçarei.

Variantes: Aonde vais, morena? Tão bonita assim. Lá em meu jardim; do meu. Eu já colhi as flôres. Ficou lá pra você; para você; é pra te-oferecer; oferecer. Com ela me abraçarei.—Onde vais? Conquanto esta ciranda seja mais comumente cantada com o advérbio onde, o em-

prêgo de *aonde* é que é de uso mais geral em todo o domínio da lingua portuguesa, quer com verbos de movimento, quer com verbos de quietude. *Aonde*, só com verbos de movimento, é requerido apenas pela sintaxe lógica.—*Vou colher*. Isto é: *a colher, para colher*. *Colher* indica o fim. Como, porém, o verbo *ir*, usado relacionadamente, sem nenhuma idéa de deslocação, pode formar, seguido de infinitivo, o aspecto futurivo dos verbos, não é raro ser repetido na linguagem infantil, quando se torna necessário indicar o movimento: *vou já ir buscar o brinquedo*. O que significa: *irei já buscar*. Repetição semelhante há em francês: *Je vais aller trouver le principal* (Daudet, «Le Petit Chose», 49). São múltiplos e notáveis os pontos de contacto entre o francês moderno e a nossa dialeção, como entre o português e o francês de outrora, o que perfeitamente se explica, visto que—na frase de Bally, o eminente discípulo de Ferdinando de Saussure, nesse grande livro original do «*Traité de Stylistique Française*»—a linguagem não é um acervo de palavras alinhadas em frases, ditado por regras mecánicas, mas um conjunto de fenómenos naturais explicados por leis psicológicas e sociais (1.º vol., p. 5). Além disso, até para um observador superficial—é ainda Bally quem professa—, as linguas modernas dos países chamados *civilizados* oferecem semelhanças em número incalculável, e, no seu incessante evolver, essas linguas, longe de se diferenciarem, tendem a aproximar-se cada vez mais, aproximação cuja causa não é difícil de encontrar: reside nas copiosas permutas que se produzem de povo a povo, no mundo material e no domínio do pensamento. Essas permutas—acrescenta—fazem-se há perto de trinta séculos; a comodidade das comunicações multiplicou-as na época moderna. «Trata-se duma verdadeira mentalidade comum, elaborada pela Grécia e por Roma, amadurecida pela civilização da Europa ocidental, depois largamente espalhada nos tempos modernos por todos os países em que os Ocidentais penetraram e que assimilaram a si. Chamamos a essa herança comum, à falta de melhor expressão, *mentalidade europeia*.» (P. 23)—*No meu*, ou *em meu*, como diz uma das variantes. A última sintaxe é, entre nós, a mais comum, não só na fala do povo, mas ainda no coloquialismo.

—*Já mandei vender.* Pela última vez chamo a atenção do leitor para a falta do objeto direto (aqui, *as=flôres*) na linguagem popular do Brasil, o que é uma continuação do uso verificado no português arcaico. Se estivesse presente, seria representado de certo pela fôrma obliqua e não pela fôrma reta do pronome, pois que as nossas cirandas são geralmente de origem portuguesa, cuja linguagem muitas vezes guardam, e também por que a isso se oporia a rima e a métrica. Já se sabe, entretanto, que o uso de *êle* como objeto direto não era tão raro na lingua arcaica, e aparece até na clássica. Há casos em que não repugna aos mesmos escritores modernos. Vejamos um grande prosador e um grande poeta do século passado: «Expiei, estou expiando n'esta duríssima penitencia de pae que não *tinha* mais nada n'este mundo senão *ella*.» (Camilo, «Novellas do Minho», vol. III, p. 211.) «Eu *oiço* os reis cantando em suas festas / E *elles, elles* - maiores do que as florestas - / Chorarem nos degraus.» (Gomes Leal, «A Canalha», in «Antologia», de Fidelino de Figueiredo, p. 176.) E um dos maiores romancistas contemporâneos: «Para que *faz* então infelizes dois homens, *êle* e *eu*? e de que pode servir isso?» (Manuel Ribeiro, «Duas Almas».) Neste trecho vemos também *eu* em função objetiva. E' o que se vê neste outro, do mesmo livro: «Não sei se a *empolgará* também, como *eu*, esta rajada de música interior que há uns dias se eleva em mim. como as altas labaredas de Tristão.» Nas «Duas Almas», Manuel Ribeiro traduziu os «Climats», de André Maurois, título que entre parênteses conservou. O *êle e eu* é tradução literal de *lui et moi*: «Vous rendez malheureux deux hommes, lui et moi; à quoi bon?» Em *como eu* quis *êle* dar o cambiante da expressão *vous aussi*, da frase francesa: «Je ne sais si vous entendez, vous aussi, cet ouragon de musique intérieure qui s'élève en moi depuis quelques jours comme les hautes flambées de Tristan.» Agora, dois illustres poetas brasileiros, manejadores ambos de fôrma verdadeiramente admirável: «Mas ha de vir, depois, / o esquecimento, a unica cousa que perdôa. / E ha de *haver eu* e *haver você*; seremos dois; / seremos isto: uma pessoa e outra pessoa.» (Guilherme de Almeida, «Eu e Você», 190.)

deserto perdidos; / *Eu e tú...* mais ninguém; nem sombra de vivente.» (Bastos Tigre, «Poesias Humorísticas», 126.) Esta sintaxe é muito encontradiça em francês: «Songez donc que j'avais seize ans quand j'ai commencé mon admiration pour les poilus. Alors, comme nous voilà priée de *la recevoir*, *elle* et son fils, c'est que je pouvais le faire.» (Pierre Frondaie, «Le Reflet», p. 4, col. 1.^a) «Les femmes laides ne savent pas qu'elles sont laides: c'est ce qui *les sauve*, et *nous* aussi.» (Francis de Croisset, «Il était une fois», p. 14, col. 1.^a) A linguística psicológica e a analogia explicam satisfatoriamente êsses desvios da sintaxe ordinária, em ambas as linguas. Resistem apenas os versos de Guilherme de Almeida. O distinto poeta traduziu-os do francês, e, conquanto não me tenha sido dado examinar o original, estou quase a afirmar que se trata aí duma tradução impensada, muito ao pé da letra. No francês é bem provável que se nos depare uma construção tal como *il y aura moi et toi*. Note-se que um gramático de Recife, consultado acerca de *alí só há eu*, frase popular, a considerou perfeita, e explicou que *eu* não era pròpriamente o pronome pessoal, mas um substantivo, significando *a minha pessoa*. Depois de pedantear um pouco, disse que era emprêgo idéntico ao de *o meu eu* e frases semelhantes, e citou Heitor Pinto: *Em mim há dous eus*. (Júlio Pires Ferreira, «Consultas sobre a Língua Portuguesa», 266 e *passim*.) Ora, logo à primeira vista se descobre o engano do gramático recifense e se fica certo de que bem razão teve o meu eminente amigo Cónego Raimalho de zurzir-lhe a pele. *Alí só há eu* é sintaxe plebéa, igual a *êle viu eu* e que só aparecerá em casos excepcionalíssimos. O pronome nada tem de substantivado. Está na mesma função em que o apresenta a nossa trivialíssima expressão *basta eu*, muito usada até entre pessoas educadas, por *basto eu*, em virtude de ser o verbo *bastar* mais geralmente usado na terceira pessoa, do que decorreu para o povo a sua impessoalidade. Tipo fraseológico interessante, e êste é que é de largo uso no meio do nosso povo, ao en-vés de *há eu*, é *tenho eu*. O verbo *ter*, como *haver*, já nos veio impessoalizado do português europeu e aqui criou raízes profundíssimas. Assim, todos nós, falan-

tas pessoas na rua; mas, no povo, ao dar-se *eu* como objeto direto ao verbo impessoal, efetuou-se a atração do primeiro para o segundo, passando êste a *tenho*. *Tenho eu* equivale a *eis-me aquí, aquí estou eu, teem-me aquí, «há eu»*.—*Aquela ... com essa*. Sintaxe correta. Serve para mostrar-nos como se operou o esvaziamento da significação secundária do demonstrativo *illu*, até chegar ao nosso *o*. *Aquela* é apenas um demonstrativo puro, tal como o ainda hoje chamado artigo definido, pelo qual podia ter sido substituído.—*Pra você, para você*. O uso de *pra* ou *para*, cuja determinação tenho procurado atentamente apreender, é muitas vezes motivado pelo ritmo da frase. Há casos, porém, em que uma fôrma vem tomar o lugar da outra, e então é o ritmo que se modifica inteiramente.—*Auferecer*. Fôrma que ás vezes aparece na boca do povo, assim como *auculto*. Mas *aucupado*, e principalmente *desaucupado*, é de uso até familiar. Por isso mesmo, quero crer que, conquanto se pudesse explicar dentro da nossa dialeção, se explique antes como um arcaísmo lusitano, talvez de origem dialetal. Sabe-se que o *o* inicial vale *ou*, com *o* igual ao inglês de *no*, em certos pontos do norte de Trás-os-Montes, e que, em outros pontos de Portugal, o ditongo *au* tem *a* bilabializado. Por aí podia chegar-se a *aucupado*, partindo de *ocupado*. Então, *auferecer* e *auculto* seriam fôrmas analógicas, se não estivessem nas mesmas condições de *aucupado* ou se não fôsem casos de hiperurbanismos, à vista de, plebèamente, poder passar a *o* o ditongo *au*:

Se eu fôsse podre de rico
 Não morava lá no mato
 Morava mais a «Lorinda»
 Dentro da rua do Crato. (1)

O INTROMETIDO

Lá vem o pisa-de-ponta,
 lá vem o lança-perdido,

(1) Afrânio Peixoto: «Trovas Populares Brasileiras», n. 146. Francisco, 41

lá vem o namora-moça,
lá vem o intrometido!

—Eu não sou pisa-de-ponta,
nem também lança-perdido,
nem também namora-moça,
nem também intrometido!

Se eu fôsse o pisa-de-ponta,
se eu fôsse o lança-perdido,
se eu fôsse o namora-moça,
eu era o mais bem-querido!

No jardim das belas damas,
a mais bela escolherei!
—Escolhe a que tu quizeres,
quê eu cá me arranjarei!

Variantes: *Lá vem o pisar-de-ponta. Por que eu cá me arranjarei.*—*Pisa-de-ponta.* A forma *pisar-de-ponta* é devida ao subacento existente na sílaba *sa* e requerido pelo ritmo. A sílaba *pon*, predominante do verso, antecedida de uma átona, requeria que fôsse subtónica a que vinha antes dessa. O género da palavra está bem, foi imposto pelo sexo da pessoa a que se refere e é o mesmo de *pisa-mansinho*, a que equivale. Outro tanto ocorreu com *secreta*, que, demais, nos oferece caso interessantíssimo. *Polícia secreta* é aquela que age disfarçadamente e ás ocultas. Mas, como se pode dizer *o polícia*, para indicar o homem policial, disse-se *o polícia secreta* e, por simplificação, *o secreta*. E esta palavra de tal maneira ficou na consciência popular como um substantivo masculino, que até por pessoas educadas é assim empregada junto a substantivos masculinos: «Os agentes secretas prendem a torto e a direito.» (Jornal «O Ceará», de Fortaleza, ano I, n.º 69, p. 3.) « e os agentes secretas não têm mãos a medir.» (Ibidem) Contrariamente, *dor de olhos*, na sua forma plebléa, *dodói*, passou a masculino por fôrça da terminação. *Dor de olhos* trans-

formou-se em *dodói* por várias modificações normais na nossa dialeção popular (perda do *s* final, passagem de *lh* a *i*, perda do *o* precedido de ditongo, perda do *r* ante-consonantal, passagem do *ô* a *ó* por metafonia), e a terminação de *dodói* deu-lhe o género masculino. O termo ocorre nas suavíssimas «Canções de Amor», de Ribeiro Couto (p. 22): «..... um menino doente, / feliz de mostrar á gente / *o dodoe* da sua magua.» *Pisa* está seguido de um determinante e, portanto, o género tinha de ser dado pela significação. Com deverbais, porém, isolados e terminados em *a*, não referentes a pessoas, temos no Ceará quatro pelo menos que são masculinos, em vez de femininos: *puxa*, *empurra*, *sunga* e *queima*. O masculino *puxa* explica-se por ser uma redução de *paxa-puxa*, em que é natural êsse género, em virtude da composição, que amorteceu a influência da vogal final. *Empurra* é nome dum jôgo, e esta palavra impôs-lhe o género. Diz-se *o empurra* e *o jôgo do empurra*, o que prova ter-se dito primeiramente *o empurra* (sob a ação de —jôgo) e *o jôgo de empurra*, e, depois, *o jôgo do empurra*, com um cruzamento das duas expressões. *Queima*, masculino, é coisa diferente de *queima*, feminino. A *queima* (1) de uma loja é o incêndio dela; *o queima* de uma loja é o vender ela as suas mercadorias por preços reduzidos. Vê-se que, aquí, o substantivo procede diretamente da significação figurada do verbo, que também diz *esbanjar*, *dissipar*, *vender por nada*. Naturalmente, a mudança de género deu-se por efeito da colisão semântica, depois de feita a palavra. Do contrário, seria *o queime* ou *o queimo*. O português conhece esta última forma, a que confere o valor de *sabor picante*. *O sunga* é mais difícil de explicar. Devia ser *a sunga*, como também se ouve, ainda que mais raramente, no sul do Estado. Talvez se tenha começado a chamar *sunga*, masculinamente, ao menino, pelo costume que tem de *sungar* os calções, passando depois a palavra a designar os próprios calções e, daí, as calças das meninas e das mulheres. — *Lança-perdido*. Sendo masculino o composto,

(1) É o que podemos inferir do que se passa durante «a queima» dos livros do fidalgo manchego. — José Maria Rodrigues, «III Jubileu da Academia das Sciencias de Lisboa», Coimbra, «Imprensa da Universidade», p. 261; 1931.

por indicar um homem, o *a* final mudou-se em *o*. O mesmo fenómeno notado em *pintarroxo* e *pintassirgo*. Sem a mais leve razão, teem os mestres mais respeitáveis inventado vários étimos para essas duas palavras, mas inutilmente, e parece que com o só intuito de tudo dificultar e obscurecer. Elas encontram cabal explanação dentro do português, por meio das vozes *pinta*, *roxa* e *sirga*. *Sirga* é uma fôrma adjetiva, à semelhança de *milha* nas expressões *palha milha*, *farinha milha*. *Roxa* é o feminino de *roxo*. Ao juntarem-se os dois adjetivos ao substantivo *pinta*, os compostos tomaram o género masculino por se applicarem a pássaros, e isso determinou a mudança do *a* final em *o*. Mas *pintassilga*, em que se deu a transformação de *r* em *l*, é também de muito uso, sendo a fôrma preferida no Ceará, e o madeirense *pintorroxa* atesta a ancianidade do primitivo e desaparecido *pintarroxa*, sem a existência do qual, porém, poderia muito bem haver a fôrma actual, igual ao galego, *pintarrojo*. *Pintassirgo* tem ainda as variantes *pintassilgo* (igual ao espanhol, *pintacilgo*), que é a mais usada no português geral, *pintassilvo*, em que se deu uma atração homonímica, em virtude do canto do pássaro, *pintaxilgo* (passagem de *s* a *x* por influência do *i*) e *pintexilgo* (passagem natural de *a* a *e* atestada por uma multidão de palavras), que, segundo Cândido de Figueiredo, é considerada por Gonçalves Guimarães «forma onomatopaica e exacta, devendo considerar-se corrupção desta as demais, com que se nomeia a respectiva ave». Infelizmente, não conheço o estudo do glotólogo illustre, sábio de verdade; mas não sei como se possa considerar *pintexilgo* fôrma onomatopoética, salvo se o pássaro de Portugal é diferente do do Brasil. — *Mais bem-querido*. Como *mais bem feito*. Demais, *bem-querido* é uma expressão una (cfr. *bem-querer*, *bem-querente*, *bem-querença*), equivalente a *amado*.

O VIRA

Meninas, vamos ao vira,
 quê o vira é coisa boa;
 eu já vi dançar o vira

E' o vira, é o vira!
E torna a virar!
Voltinhas comigo
são boas de dar!

Meninas, vamos ao vira,
que lá vem a viração...
Minha mãe é mãe do vira
e o vira é meu irmão.

E' o vira, etc.

Menina, vamos ao vira.
Vira, tornar a virar!
O vira tem muitas voltas,
muito mais lhe vamos dar.

E' o vira, etc.

Meninas, vamos ao vira.
Vira, tornar a virar!
Vem-te cá para meus braços,
mil beijinhos te hei de dar.

E' o vira, etc.

Meninas, dancem o vira,
que jamais eu dançarei:
passo a vida sem prazer,
sem prazer acabarei.

E' o vira, etc.

Variantes: *Elvira, Elvira! Vem cá para meus braços. Meninas, dançar o vira.* O estribilho é menos ameudadamente dado por outra quadra:

O'! vira que vira!...
 Quem vira sou eu,
 quem toca a viola
 é um primo meu!

A versão dada por João do Rio, com o título de «Trolha d' Afife», só de longe lembra a nossa ciranda. E nada tem dela as estâncias recolhidas por Alberto Pimentel nas «Alegres Canções do Norte». A canção é, porém, portuguesa, como se vê da sua linguagem e da comparação com «O Vira» que vem nas «Danças e Cantares de Portugal» («Album Ramos Pinto»).—*Vira*. É o único caso que conheço, no português geral, de um deverbal, terminado em *a*, masculino, sem se referir a homem. Só posso explicá-lo pela necessidade de diferenciação, uma vez que temos *a vira* para designar a tira de couro que forra a borda do sapato.—*São boas de dar*. Houve aqui uma atração operada por *voltinhas*. O sentido é: *é bom dar voltinhas comigo*. Da ordem da frase, porém, resultou a pluralização do verbo e do adjetivo. Atrações idênticas se verificam até na literatura, onde se encontram frases do verbo *ser* que somente a linguística psicológica pode analisar.—*Viração*. Apesar do sentido perfeito que forma, vê-se bem que esta palavra foi sugerida por *vira*. É trivialíssima essa sugestão na poesia popular.—*Tornar a virar*. Nas «Danças e Cantares de Portugal», vem *torna-te*, como vem *dançae o vira* onde nós pusemos *dancem* e *dançar*. Já fiz notar que há tendência para o desaparecimento do futuro do imperativo antre nós. O povo quase que o não conhece. Entretanto, usa-o muitíssimo na segunda pessoa do plural, em frases optativas, com um sujeito da terceira pessoa: *dai-me Deus paciência! dai-me boa sorte a Virgem Santíssima!* É um tipo fraseológico para ser estudado no que eu chamo—sintaxe fonética. Foi o deslocamento do ritmo da frase, proveniente da pressa da pronúncia, que lhe deu origem. É usado mais geralmente com o verbo *dar* e sempre em relação a Deus, Jesús ou Nossa-Senhora. Encontro um exemplo nas «Trovas do Povo», de João do Minho (p. 61), o que prova existir também em Portugal:

Eu suspiro e eu padeço,
 Mal d'amores não tem cura,
 Já que mais nada mereço
Dae-me Deus a sepultura.

—*Muito mais.* As «Danças e Cantares» dizem *muitas mais*. Ambas as syntaxes estão bem; mas a última é menos normal e devida a uma atração. — *Passo a vida, ou levo a vida*, como diz a versão portuguesa. É o mesmo. Entretanto, *levar* neste caso, como outros verbos, merece estudo especial.—*Elvira*. Resultado da pressa na pronúncia de *é o vira*.—*O' ! vira que vira!* A versão portuguesa diz *ó vira do vira*, um tanto difícil de explicar, se não considerarmos o primeiro *vira* sinónimo de *volta, roda*.

A CARAMBOLA

Eu também sou mensageira,
 venho aquí passar!
 Se a mamãe souber,
 carambola vira já.

A (fulana) é mensageira,
 veio aquí passar!
 Se a mamãe souber,
 carambola não lhe dá.

Variantes: *Eu também sou passageira. Cai a roda, vira já. A De-Lurd' é mensageira. Vem aquí passar.* No último verso, em lugar de *carambola não lhe dá*, diz-se ainda, como no quarto, *carambola vira já*.—*Carambola*. É uma fruta muito apreciada pelas crianças. Está visivelmente empregada a palavra com êsse sentido no oitavo verso. Assim, estou convencido de que o quarto verso foi, primitivamente, *cai a roda, vira já*, como está numa das variantes. As cirandantes, medrosas de que

mente. Depois, o oitavo verso teria imposto *carambola* no quarto, sendo a substituição facilitada pela homonímia imperfeita existente entre *caí a roda* e *carambola*.—*Mensageira*. Talvez uma correção, para evitar *passageira*, como diz uma variante, e *passar*.—*A (fulana)*. Uma das minhas colaboradoras deu-me a *De-Lurd'*, em que havemos de considerar o desaparecimento do *e* seguido de consoante, de que já vimos outros exemplos, e a anteposição da preposição *de* ao nome *Lurdes*. O povo conhece êsse uso, contrário à língua, apenas na abreviação de nomes que começam por *Maria*. Dizem *De-Lurdes*, como dizem *Do-Carmo* e *Das-Dôres*.—*Venho, veio*. Já disse ser correto o uso de um ou do outro tempo em semelhantes ocorrências. Uma variante oferece-nos *vem*.

TERESINHA DE JESÚS

Teresinha de Jesús
deu uma queda, foi ao chão.
Acudiram três cavaleiros,
todos três chapéu na mão.

Quantas laranjas maduras!
Quanto limão pelo chão!
Quanto sangue derramado
dentro do meu coração!

O primeiro foi seu pai,
o segundo seu irmão,
o terceiro foi aquele
a quem ela deu a mão.

Da laranja quero um gomo,
do limão quero um pedaço;
da menina mais bonita
quero um beijo e um abraço!

Teresinha levantou-se,
levantou-se lá do chão,
e sorrindo disse ao noivo:
—Eu te dou meu coração.

Variantes: *Deu uma queda e foi ao chão. Acudiu três cavaleiros. A quem Teresa deu a mão. Levantou-se de lá do chão. Eu lhe dou meu coração.*—*Teresinha.* São quase inexistentes no folclore português as referências a *Teresinha*, e principalmente a *Teresinha de Jesús*. «As Alegres Canções do Norte» falam numa *Teresinha, cacho de uvas* (p. 58). — *Deu uma queda.* Os verbos *dar, apanhar, levar, tomar*, e outros, entram em frases interessantes, com significação muito alongada da primitiva: *tomar uma carraspana, levar uma bofetada, dar uma queda, apanhar uma surra*, etc. A última locução já chegou a reduzir-se ao verbo entre nós, de tal uso era. Quando se ouve dizer que um menino *apanhou*, logo se sabe que êle foi castigado. E' o que se verifica com o modismo *dar o bicho*. Quando nos perguntam *o que foi que deu*, logo sabemos que o nosso interlocutor deseja que lhe digamos qual foi, no «jôgo-do-bicho», o número premiado, correspondente a um grupo ou bicho determinado.—*A quem ela deu a mão.* Isto é: de quem era noiva. *Dera* seria mais correto. E o emprêgo do perfeito pelo mais-que-perfeito mostra a modernidade, senão da cantiga, pelo menos do verso.—*Acudiu três cavaleiros.* E' comum entre o povo dar ao verbo singular um sujeito plural, se o verbo vem antes.—*Eu lhe dou.* *Lhe* é, na linguagem popular, mais natural do que *te*. De maneira que, às vezes, a êste pronome se segue aquele, em relação à mesma pessoa e sem que tenha havido mudança de sentimentos. O fenómeno dá-se em todos os estados do Brasil, e Bastos Tigre o critica nas «Poesias Humorísticas» (p. 72):

Leio: «Meu bem não passa-se um só dia
Que de você não lembre-me»... Ora dá-se!
Mas que terrível idiosincrasia
Este anjo tem ás regras da syntaxe!

Continúo : «Em *ti* penso noite e dia...
 Se como eu amo a *ti*, *you* me amasse!»
 Não! é demais! com bruta grosseiria
 A grammatica insulta em plena face!

—*Levantou-se de lá do chão.* A preposição *de* foi posta depois, para melhor precisar a função locativa do advérbio *lá*. Entretanto, êle estava muito bem sem ela, com função de mero designativo, que tem desde os começos da lingua, como o *there* inglês. Serve também para negar, como em *sei lá*, que significa *não sei*.

A BURRINHA

A burrinha de meu amo
 come palha de arroz;
 arrenego desta burra
 que não pode com nós dois.

A burrinha de meu amo
 come tudo que lhe dão,
 só não come carne fresca
 sexta-feira da paixão.

A burrinha de meu amo
 tem um buraco na mão;
 foi o rato que roeu,
 pensando que era mamão.

O' burcinha, minha nêga,
 meu amo vai te-vender,
 lá no Rio-de-Janeiro,
 para nunca mais te ver.

Variante: *Para nunca mais lhe ver.* - Os versos foram transportados do «Boi» para o grupo das ciran-

das. O mesmo fizeram as crianças com uns versos das «Pastorinhas», como veremos adiante. — *Burra*. *Burro*, *jumento* e *asno* é a mesma coisa para o português geral. Ao que nós chamamos *burro*, éle chama, tècnicamente, *mú*, quando filho de jumento e egua, e *macho*, quando filho de cavalo e jumenta. Praticamente, sinonimiza os dois termos, e então recorre aos adjetivos *asneiro* e *eguarico*, para distinguir a origem, de asna ou egua. — *Dão*. Nota-se, no Ceará, um fenómeno interessante com os verbos *dar* e *ver*. Na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo, o povo intromete um *r*, a fim de desfazer o hiato, e diz *dêrem*, *vêrem*. *Der' uma esmolinha ao cego pel' amor de Deus!* — é frase que se ouve a cada passo dos pedintes. Só conheço êsses dois casos, e o de *malvarisco*, que, por ser de todos os que falam naturalmente, sem nenhum desêjo de afetação, me parece arcaísmo, por um *malvavisco*. Pode-se entretanto explicar também como uma contaminação entre *malvaísco* e *malvalistro*, através de uma fôrma *malvalisco*. — *Carne fresca*. Em lugar de *fresca*, hoje se diz muito em português *verde*, por haver seiva na carne fresca, assim como a há na planta verde. Além disso, pode-se dizer da carne que está *sêca*, assim como da planta. — *Nêga*. Eufemismo afetoso, por *negra*. — *Para nunca mais lhe ver*. E' naturalíssimo o uso de *lhe* por *o*, quando o referimos à pessoa com quem falamos. Se tratamos alguém por uma expressão de terceira pessoa (*o senhor*, *o doutor*, etc.), ou por um pronome que compendia uma expressão de terceira pessoa (*você* < *vossa mercê*); se a êsse tratamento correspondem *lhe* e *o*; se no português antigo havia confusão quanto ao regime de diversos verbos, a ponto de ocorrer *lhe* várias vezes como objeto direto; se *o*, pela sua própria função, é de emprêgo constante para indicar a pessoa de quem se fala, — nada mais natural do que empregar *lhe* para a pessoa com quem se fala, se se lhe dá tratamento de terceira.

O CIRIRÍ

Vem cá, Cirirí,
vem cá, Cirirí!

As moças te chamam,
tu não queres vir.

— Eu não vou lá, não,
eu não vou lá, não,
que eu peço uma esmola,
vocês não me dão.

Vindo do Recife,
pelo Piancó,
encontrei a (fulana),
de uma banda só!

— Vai o pobre cego
pelo seu caminho,
pedindo uma esmola,
mais um bocadinho!

Variantes: *E tu não queres vir. Que as moças te chamam. E vocês não me dão. Pelo Recife; venho do Recife; vim. Encontrei velha Maria. Lá vai o pobre cego; lá se vai. Aproveitando o quinhão e mais um bocadinho.—Ciriri.* Temos êsse nome na nossa fauna e na nossa geografia, escrito *siriri* e *Siriry*. Deve-se tratar do nome da ave, se não é o mesmo que *ciri*, pois o *ciri* é um crustáceo da família do caranguejo, e há populares que dizem serem cegos êsses crustáceos. *Cego* lhe chama a ciranda: *lá vai o pobre cego.*—*Tu não queres vir, como vocês não me dão e mais um bocadinho*, sem a conjunção *e*, que, para o terceiro verso, aparece numa variante. É muito do gosto do povo não usar de maneira alguma a conjunção *e* ou usá-la superabundantemente.—*Eu não vou lá, não.* Do emprêgo repetido de *não*, quase o modo natural de negar para o povo, é que decorreu o uso até familiar de colocar *não* apenas depois do verbo: *não vou, não*, pronunciado *não vou não*, com mudança de ritmo, passou a *vou não*, com o desaparecimento da primeira sílaba proclítica do grupo, ordem que se veio assemelhar à do inglês. É outro caso de sintaxe fonética.—*Que eu peço uma esmola. Que=por que.*

Muito usado popular e familiarmente, mas só em frases um tanto compridas. Em frases curtas, aparece apenas em construções fixadas: *eu vou, que eu disse*. — *Piancó*. O Piancó fica no Rio-Grande do Norte. Vindo do Recife para o nordeste ou para o extremo norte, só passamos por lá, se o fizermos propositalmente, por que não é caminho natural. Esta rota demonstra que, se a ciranda não é de origem nortista, foi aqui alterada. Há quem cante *pelo Recife, pelo Piancó*, sem sentido perfeito. Mas esta variante tem alto valor, por mostrar a mesma palavra, *pelo*, ora com uma acentuação, ora com outra, de acôrdo com o ritmo que a sílaba predominante do verso a êle imprimiu: *pe-lú Re-cí-fe, pê-lo Pí-an-có*. — *Mais*. Guarda o seu valor adverbial; mas em outras frases é uma verdadeira conjunção copulativa, como em *eu mais êle vamos amanhã*. — *Que as moças te chamam*. E' um mero continuativo êste *que*. Quando êle aparece na ciranda, o verso seguinte vem introduzido pela conjunção *e* (*e tu não queres vir*).

AS FLÔRES BRANCAS

Debaixo do laranjal
 encontrei bela menina
 apanhando flôres brancas,
 flôres brancas, pra te dar.

Flôres branc' é casamento:
 a menina quer casar!
 O' menina, deixe disto,
 deixe disto e olhe lá!...

Como brilha o cravo branco
 junto do cravo encarnado!
 Como brilha a (fulana)
 junto do seu namorado!

Variantes: *Lá em cima do laranjal. Avistei uma menina. Apanhando brancas flôres. Flôres brancas para me dar. Brancas flôr' é casamento. Esta menina quer casar; você quer é se casar; a (fulana) quer casar; D. (fulana). Sinha menina, deixe disso.* A última quadra é às vezes substituída por esta outra:

D. (fulana) morreu ontem,
ontem mesmo se enterrou.
Na cova de D. (fulana)
nasceu um ramo de flor.

—*Flôres brancas.* Como essa é a designação vulgar da leucorréa, as mães corrigem para *brancas flôres*. Sabe-se que *branco* é sinónimo de *pálido*, e, partindo desta sinonímia, D. Augusta Faria Gersão Ventura identificou a *pálida viola*, de Camões, com a violeta branca, o *leucoium incanum maius*, de Bauhino (1). Antes de *é casamento*, as crianças dizem *flôres branc'* ou *brancas flôr'*, como *el' estão* e *De-Lud'* é, já estudados.—*Deixe disto*, como *esta menina*, de uma variante, e *desta*, da BURRINHA. O demonstrativo *este* é, popular e familiarmente, constantemente usado por *êsse*.—*Olhe lá.* Mais uma frase em que o nosso *lá* se aproxima do *there* inglês. Aquí, tem valor puramente estilístico, serve para indicar malícia, senão ameaça.—*Em cima.* A preposição *em* chega a reduzir-se no Ceará a *n*, antes de *m*: *bateu n'mim*. Mas só na linguagem popular e infantil. O povo prefere, como em Portugal, a locução *em riba*.—*Você quer é se casar.* Sintaxe popular em todo o domínio do português. Elipse de *o que*. Já aparece até na literatura. O nosso povo faz algumas vezes elipses mais arriscadas e diz, por exemplo, *só estou é você fazer isso*, isto é: *o de que só estou espantado é você fazer isso*. A redução de *estar espantado* é igual á de *estar certo*, tão encontradiça nos clássicos: *estou que êle virá*.—*Sinha.* O que se usa no Ceará é *sinha* e não *sinhá*. A plebe também diz *sa*. Em Portugal, diz-se *siá*, e, em Macau, *siara*. Todas essas va-

riantes se explicam, principalmente pela próclise, como também o masculino *seu*, usado tanto no Brasil, como em Portugal, onde também se diz *sê*, com a redução do ditongo átono. João Ribeiro cometeu o êrro imperdoável de aproximar *seu* do pronome possessivo de terceira pessoa. O feminino *sua*, que o nosso povo usa na linguagem emotiva, êsse, sim, é que foi influenciado pelo possessivo. Assim como ao possessivo masculino *seu* corresponde o feminino *sua*, do mesmo modo ao tratamento masculino *seu* veio corresponder o feminino *sua*.—*D.* (*fulana*). Às vezes lhe juntam o artigo e dizem *a D.* — *Um ramo de flor.* *Ramo* é a tradução do francês *bouquet*. Mas pode-se dizer que aí aparece por arcaísmo, por que a verdade é que o termo francês predominou, afeiçoado em *buquê*.—*Flor*, por *flôres*, como na BARCA NOVA: *essas aguas são de flor*.

O PASSARINHO

Piu, piu, piu!

Piu, piu, piu!
Canta o passarinho,
mas devagarzinho,
que o Sol se sumiu.

Piu, piu, piu!
Piu, piu, piu!

Passarinho. E' o mesmo que *pássaro*, para nós ainda que se trate de um espécime grande: *Lá vem com um passarinho que é um bruto! Virgem, que passarinho monstro!* — *Devagarzinho.* Mais grato ao povo do que *devagarinho*, que também se ouve na ciranda. Como *devagarinho* ou *devagarzinho*, diz o nosso matuto *jâzinho*, a par de *já, já*.

A VOVÓ

Estava no meu jardim
junto com minha vovó,
quando do céu vi cair
êste lindo pão-de-ló.

E a vovó, toda contente,
o dentinho quis meter;
mas o pão era tão duro,
que ninguém pôde morder.

Rá rá rai, rá rá rai, rai!
Rá rá rai, rá rá rai, rai!
Esta rósca que aquí está
há de ser comida já.

Variantes: *Junto com a vovó; com minha avó; com a minha vovó. Pandeló. Rá, rá rá. Vai ser comida é já.— Minha vovó. Só se diz minha vovó, meu papai, meu titio para mostrar carinho. Naturalmente, o que se diz é a vovó ou minha avó, a mamãe ou minha mãe, etc. Há certos pontos do Ceará em que dindinho é sinónimo de vovó. O avô é em geral padrinho de netos primeiros filhos de seus filhos. Os afilhados formam de padrinho o hipocarístico dindinho, maneira por que tratam o avô, no que são seguidos por todos os irmãos mais moços. Daí, a sinonimia.— Vi cair êste lindo pão-de-ló. Cair, etc. é o objeto direto de ver. Um objeto direto semelhante é êle morrer, da frase popular estou vendo a hora êle morrer, em que vendo a hora forma um como verbo conglomerado, tendo hora perdido inteiramente o seu valor nocional, como em embora (em boa hora). A frase primitiva foi estou vendo a hora em que êle morre; depois, pela elipse da preposição, fato trivial, estou vendo a hora que êle morre, e, afinal, pelo esvaziamento do sentido de hora e pela substituição da frase verbal pura pela nominal, estou vendo a hora êle morrer. Pão-de-ló é pronunciado pandeló, pleblèamente. Isto prova que a preposição de tinha no português dos tempos*

da colonização e claro. De Portugal nos veio já a expressão modificada; do contrário, teríamos *pandiló*, como se diz às vezes familiarmente.—*O dentinho quis meter. Meter o dente* equivale a *comer*. Figuradamente, no português geral, *meter o dente em alguma coisa* é *entender dela* ou *percebê-la*.—*Que*, consecutivo. O povo gosta de substituí-lo por *chega*, que o meu distinto colega de Academia José Martins Rodrigues explica como resultado de um cruzamento: *o menino chora tanto, que comove a gente* + *o menino chora tanto, que chega a comover a gente* = *o menino chora tanto, que chega comove a gente*. Depois, desapareceria o *que* por inútil, tendo passado *chega* a preencher-lhe as funções. Esta explicação seria perfeita, se abrangesse frases como *o ladrão chega empalideceu*. Por isso, acho que a explicação é dada pela fonologia, e então temos mais um caso de sintaxe fonética. As frases, para exemplos, *o homem chega a estar pálido* e *chega a dar isso* tiveram de sofrer, de acôrdo com as diretrizes da dialeção popular, a crase dos dois *ás* consecutivos (*chega a*) e a perda do *r* final dos verbos, passando a *o homem chega está pálido* e *chega dá isso*, em que o verbo *chegar* veio a ter valor de advérbio de intensidade. Estendeu-se depois o esquema sintático: *chega fez, chega comove, chega comoveu*, etc. E o novo advérbio de intensidade, seguindo a sua rota natural, foi funcionar nas proposições consecutivas, intensivas que são, chegando afinal a fazer desaparecer o *que*, pouco característico da intensidade antes do aparecimento dêle e completamente inútil depois.—*Vai ser comida é já*. O verso, assim cantado, sem pausa, é resultado da pressa na pronúncia, o que se prova com a sintaxe equivalente, mais normal, *vai ser comida e é já*. Já vimos que o povo ou não usa a conjunção *e* ou a usa desnecessariamente.—*Rá rá rá* ou, melhor, *rá rá rai*, é a maneira como imitamos a risada e é uma série interjectiva denotadora de escárneo. Todas as minhas colaboradoras escreveram *r* inicial. Com razão, por que o nosso *r* muito se assemelha ao *h* aspirado.

O CORAÇÃO ROUBADO

Nesta rua tem um bosque,
que se chama Solidão.

Dentro dêle mora um anjo,
que roubou meu coração.

— Se roubei,
se roubei teu coração,
tu roubaste,
tu roubaste o meu também.
Se roubei,
se roubei teu coração,
foi por que...
foi por que te quero bem.

Variantes: Naquela rua existe um bosque. Neste bosque mora um anjo. Se eu roubei. E' por que te quero bem. — Tem. Mais um exemplo de *ter* impessoalizado.— *Um bosque.* Em «Os Nossos Brinquedos», de D. Alexina de Magalhães Pinto (Icks), cuja obra folclórica, assim como a de Figueiredo Pimentel, merece muito pouca fé, por que foram, uma e outra, feitas apenas para ser vendidas às crianças, sem nenhum espírito científico, está *um bode* (p. 84). E' um caso de má percepção auditiva.— *Foi por que te quero bem.* Tanto em D. Alexina (p. 85), como em Figueiredo Pimentel («Os meus Brinquedos», p. 26), vem *é porque te quero bem*, como numa das variantes. As duas syntaxes são ambas corretas. Alguns autores consideram galicismo a última, de verbo no presente; mas sem razão, pois é justamente ela a mais normal, sendo a outra, em verdade mais usada, resultado de uma atração do verbo da proposição condicional para o verbo *ser*. A frase completa é: *se roubei teu coração, a razão é que te quero bem. E', e não foi.* O aparecimento de *por que*, causal, em vez do simples *que*, integrante, é devido ao fato mesmo de a preposição em que êle entra vir dar a razão, o motivo. Encontra-se essa substituição em todos os tempos da literatura.— *Neste bosque. Neste por nesse.*

(Continua)